

O COMÉRCIO DE ARMAS DE FOGO DEVE SER PROIBIDO NO BRASIL?

Após massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na zona oeste do Rio, no qual um psicopata matou 12 estudantes e feriu outros tantos, os políticos ressuscitaram a questão do desarmamento no Brasil. É bem provável que, a maioria que está hoje indignada com a atrocidade na escola, no plebiscito de 2005, votou contra o desarmamento. Pois, 64 por centos disseram não ao desarmamento naquele plebiscito.

Embora o desarmamento seja um assunto controverso quero fazer algumas reflexões sobre ele. É verdade que, se o resultado do referendo tivesse sido pela aprovação do desarmamento, provavelmente, o massacre da referida escola teria ocorrido da mesma forma. Visto que o psicopata não adquiriu as armas legalmente. E, o tráfico de armas ocorrerá com proibição ou sem a proibição de comércio de armas. Pois, existindo comprador existe comércio legal ou ilegal. Mas, o desarmamento tem a função de diminuir os crimes em que pessoas comuns acabam se envolvendo. Como por exemplo, briga de trânsito ou em festas e bebedeiras diversas, etc. O desarmamento da população não tem a função de desarmar bandido. Pois, bandido só o é, porque rompe com a lei.

Quando, em 1988, nós revisamos o nosso Contrato Social, comumente chamado de Constituição, embora não tenhamos renunciado ao direito de defesa pessoal, nós abrimos mão do direito de vingança. Pois, a Constituição afirma em seu capítulo I, artigo 5º, XXXVIII, que “é reconhecida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, assegurados: a) a plenitude de defesa; b) o sigilo das votações; c) a soberania dos veredictos; d) a competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida”. Isso tudo quer dizer que passamos o nosso direito de vingança para o Estado. E uma das formas de evitar que o cidadão comum, verdadeiramente de bem, vingue-se, por exemplo, em momentos de descontrole emocional, é impedindo-o de se armar. E, a Constituição, no seu artigo 3º, afirma que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária” e “IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Para que isso ocorra é obrigação do Estado garantir a segurança de todos os cidadãos. Porém, se alguém afirmar que o Estado brasileiro não tem condições de garantir tal segurança e que cada cidadão deve garantir-se, é uma

demonstração clara e inequívoca da total falência do atual modelo de Estado. Então, devemos buscar um novo modelo de Estado. Pois, se cada cidadão tiver que, individualmente, se defender é o retorno a barbárie.

Retomando a questão do desarmamento. Nós vivemos em uma sociedade capitalista e nesse sistema cada um vende o que tem. O trabalhador vende sua força de trabalho e o empresário vende os artefatos e serviços produzidos pelos trabalhadores. O trabalhador não necessita apontar uma arma para que o empresário lhe dê emprego ou lhe pague seu salário. Assim, como também não há necessidade de o empresário apontar uma arma para que o operário trabalhe. Então, nas cidades, não vejo necessidade de o homem comum, verdadeiramente de bem, andar armado.

Os argumentos de *si vis pacem, para belum* (se queres a paz, prepara a guerra) e de que o bandido não mais se intimidaria, visto que não há mais o princípio da dúvida - se o cidadão de “bem” tem ou não arma – são fracos e superados. Pois, os bandidos, independente da certeza ou incerteza, sempre chegam de surpresa, tanto para assaltar na cidade como no campo. O dito cidadão de “bem” raramente está esperando tal assalto. E mais, a arma do cidadão, dito de “bem”, comumente está bem guardada. Então, o cidadão de “bem” teria que pedir um tempo ao bandido para buscar a sua arma e enfrentá-lo. Isso, se não fosse trágico, seria cômico.

Vemos também que, historicamente, preparar a guerra não a evita, promove-a. E, matar, mesmo nas guerras, é um mal. Pois, não existe guerra justa. A guerra é injusta por natureza. E, a única coisa bela na guerra é a vitória. Pois, toda e qualquer vitória é bela. Hegel já afirmara que na guerra só existe um culpado, o perdedor. Logo, perdedor é o feio, é o mau e o vencedor é o belo, é o bom.

Por que coloco “bem” entre aspas? Porque nunca vi alguém portar arma promover o bem. Todos que usam armas, a usam para promover o mal. Embora, segundo Agostinho de Hipona, o mal menor é que deve permanecer. Porém, parece-me que o mal menor é sempre aquele que consegue matar o outro. Mas, matar é um mal em si. E, se assim não o fosse, então a guerra seria o maior bem que a humanidade possui.

Diante do exposto, penso que nas cidades somente dois grupos deveriam usar armas. Pois, esses dois grupos se diferenciam apenas pela forma, visto que possuem a mesma matéria. Esses dois grupos são os policiais e os bandidos, que vivem em função do e pelo mal. Tanto é verdade que a matéria do bandido e do

policial é a violência, que é um mal. Ninguém anda armado para promover a paz, para promover o bem. Todo aquele que usa arma é para promover a violência, o mal. Porém, polícia e bandido se diferenciam pela forma. O primeiro deve usar a violência na defesa e na proteção da lei e o segundo sempre a usará contra a lei. Portanto, polícia e bandido são dois grandes males sociais necessários. Necessários, no sentido de que um reforça a existência do outro.

Obviamente que entre o mal maior (bandido) e o mal menor (polícia), para garantir o meu e o teu, comumente chamada de propriedade, opta-se pelo mal menor. Porém, o mal menor deve ser controlado pela sociedade. Pois, se isso não for feito, o mal que era menor, torna-se maior do que o mal maior. Vide milícias e grupos de extermínios. Logo, se e somente se, esses dois grupos usassem armas, quando víssemos alguém armado saberíamos com clareza e distinção que, ou seria policial ou seria bandido.

Não sou radicalmente contrário ao dito cidadão de “bem” usar arma. Desde que ele a tenha em sua casa. Lá ele só colocaria em risco de morte os seus. Sou contra esse mesmo cidadão andar armado nas ruas colocando em riscos os demais cidadãos. Também não sou contra alguém que vive na selva e necessite da arma para conseguir alimentos para sua sobrevivência, usar arma. Mas, para os que vivem na cidade e/ou não necessitam dela para conseguir seus alimentos, sou contra que porte de arma.

Por isso sou favorável que o verdadeiro cidadão de bem ande desarmado e que a lei dificulte a aquisição de arma de fogo pelos ditos cidadãos de “bem”.

Antonio Carlos, 2011